Pátria, corpos e patriarcados

E ao som das inúbias...
Bernardo Guimarães

O escritor napolitano Luigi Settembrini (1813-1876) tem a curiosa característica de ser vagamente conhecido por muitos italianos — a ele são dedicadas escolas, ruas e praças — por ter sido um dos "pais da pátria", intelectuais do *Risorgimento* encarcerados por muitos anos (mais de dez, neste caso) por defenderem, ainda que só com ideias, as causas da unificação e da independência da Itália. Em Settembrini, figura icônica da literatura italiana, como no caso dos Inconfidentes mineiros, se entrelaçam vida e obra, a construir um personagem a cuja imagem a prisão dá relevância e significação. Settembrini foi escritor, professor universitário, reitor da Universidade de Nápoles Federico II e senador do recém-instituído Reino da Itália. Em seu *A montanha mágica* (1924), Thomas Mann deu o nome de Settembrini a um dos personagens principais, um maçom democrata e idealista, defensor dos direitos humanos. Poucos italianos, porém, leram Luigi Settembrini: sua autobiografia, *Ricordanze della mia vita* [Memórias da minha vida], citada e lembrada nos manuais de literatura, compartilha o

mesmo destino de *Le mie prigioni* [Minhas prisões], de Silvio Pellico, livros lembrados por obrigação escolar, uma memória superficial e onomástica que não alcança o conhecimento do texto. A imagem que se tem de Settembrini, então, é a da foto oficial, um intelectual de suíças brancas, tendencialmente chato, quem sabe carola.

Mas Settembrini não era nada disso. As *Ricordanze*, lembradas no título de um soneto de Augusto dos Anjos ("Ricordanza della mia gioventù"), publicadas postumamente, não fogem ao estilo da época, mas contam as aventuras de um intelectual inquieto e rebelde, protagonista dos dramas, das revoltas, das guerras de um "século inquieto", cujas transformações na Itália, foram, como ainda hoje são, parciais e transitórias, incumpridas, incompletas, perenemente em cima de um muro que podemos reconhecer como o do Vaticano. Além disso, Settembrini foi um estudioso de literatura grega e traduziu Luciano de Samósata, escritor satírico e fantástico grego, de origem síria, vivido no século II d.C. A obra mais polêmica do escritor napolitano, na qual certamente ele utiliza os conhecimentos adquiridos pelas leituras de Luciano, é outra: *I neoplatonici*, que aqui é traduzida e apresentada pela primeira vez ao público brasileiro. Não só aqui o livro ficou inédito, porque o manuscrito, encontrado em 1937 por Raffaele Cantarella, só em 1977 foi publicado pela editora

Rizzoli, com uma erudita introdução do próprio Cantarella, então idoso catedrático de literatura grega antiga, e um prefácio de Giorgio Manganelli — no qual o escritor imagina e sonha com um *Risorgimento outro*, "vicioso, irregular, fantasioso, trágico, sinistro; uma classe dirigente de cachaceiros, cocotes, um ou outro trapaceiro".[1]

A novela é extremamente relevante do ponto de vista da história cultural e social da Itália, porque ajuda impiedosamente a ler, através de sua história silenciada, através daquilo que poderia ter comunicado caso não tivesse sido escondida numa gaveta poeirenta, através da paixão que revela e ao mesmo tempo encobre, a relação entre literatura e identidade nacional,[2] identidade dissimulada e hipócrita em que confluíam herança do poder temporal católico, racismo norte-sul, séculos de dominação e divisão política e cultural e o mito pelo qual tudo se resolveria magicamente com a unificação. Tão bem se resolveu que o sul da Itália, aquele de onde vinha Settembrini, passou de uma dominação para outra, forçando-se assim uma emigração de massa para, entre outros lugares, o Brasil. É interessante, e necessário neste contexto, pensar na questão da identidade nacional justamente em paralelo, e contraposição, com a situação do Brasil, que naquela mesma época, quando a Itália foi unificada (1861), já estava consolidado como Império do Brasil e se

preparava para a destruidora guerra do Paraguai. Se, como escreve Ricoeur, "uma coletividade ou um indivíduo se definiria [...] através de histórias que ela narra a si mesma sobre si mesma e, destas narrativas, poder-se-ia extrair a própria essência da definição implícita na qual esta coletividade se encontra",[3] qual seria a definição que podemos extrair de *Os neoplatônicos* e, necessariamente, de seu silenciamento? Evidentemente, uma coletividade na qual predominam a interdição, o recalque, a erudição nostálgica como fuga para um passado mítico a confortar não só o preso político, mas também a nação como um todo — nação ainda incompleta e em formação, nação ainda sendo, de fato, imaginada. Que a homossexualidade fosse silenciada no século XIX é lamentável, mas acontecia em todo o Ocidente. O recalque, porém, parece encobrir o presente e o futuro como tais, não deixando nada além do passado lendário, dourado, política e carnalmente feliz. Já se pensarmos no Brasil, aqui também, no auge do Romantismo, se escolheu um mito fundador das bases da nação imaginada, um mito providencialmente morto ou moribundo como os índios: mas este mito e sua hipocrisia étnica foram adaptados à visão de um futuro igualmente lendário, no qual o Brasil, ainda que filho da dor, se projetasse para um destino glorioso e incompletamente miscigenado (o negro permanecia excluído do projeto de nação), pelo menos em suas narrações.

Enfim, a Itália, em sua conturbada, angustiante e muitas vezes truculenta história, antes e depois da unificação, foi estrangulada pela interdição católica, pelo mito fascista, pela moral apaziguadora que permitia, numa versão ainda mais hipócrita e cruel do *Don't ask, don't tell*, que alguns, só alguns, "pecassem", caso ninguém falasse. Neste contexto, o manuscrito de *Os neoplatônicos* literalmente sumiu.

Os neoplatônicos, numa perspectiva menos provinciana, menos italiana, deve ser visto também como uma feliz exceção na literatura ocidental por sua avaliação positiva, "natural", pagã, do relacionamento homossexual, justificado, explicado, analisado filosófica e (ainda que de forma rudimentar) psicologicamente. Na novela, falta aquilo que sobrava, e ainda sobra, na Itália: a tórpida noção de pecado, que tudo enlameia, tudo informa em sua visão violenta e castradora.

O estranhamento que o leitor tem, ao começar a ler *Os neoplatônicos,* lembra um pouco aquele produzido pela leitura do poema "Elixir do pajé", de Bernardo Guimarães: os apreciadores, ou detratores, de *A escrava Isaura* dificilmente imaginariam ser o mesmo autor do poema satírico — moldado nos ritmos e no vocabulário de "I-Juca Pirama" — cujos versos centrais recitam:

E ao som das inúbias,
ao som do boré,

na taba ou na brenha,
deitado ou de pé,
no macho ou na fêmea
de noite ou de dia,
fodendo se via
o velho pajé!

Evidentemente, outro contexto, outra intenção (não tem sátira, mas, por vezes, certa ironia em Settembrini) e outro Eros: pois as numerosas, variadas, polifônicas, multiformes e incansáveis relações sexuais dos dois graciosos protagonistas, Cálicles e Doro, são ainda mais escandalosas, por serem, em sua maioria, homossexuais. De certa forma, também quase incestuosas, pois os dois mancebos, criados juntos desde a infância, se amam como irmãos.

A curta novela foi escrita na cadeia, durante os longos anos que Settembrini passou na prisão dos Bourbons, na ilha de Santo Stefano, antes da sua aventurosa libertação (o filho Raffaele, disfarçado de oficial inglês, sequestrou o navio que desterraria o pai e outros prisioneiros para a América do Sul), e, portanto, nos anos que Settembrini dedicou à tradução da obra completa de Luciano. O manuscrito fora enviado à mulher do escritor napolitano, Raffaella Luigia, como se fosse tradução de um original grego. Numa carta à mulher, em 3 de fevereiro de 1854, Settembrini escreve:

> E hás de me dizer: E como inventas de traduzir um escritor com algumas obscenidades? Pois é, minha Gigia, as obras gregas são cheias destas obscenidades [...]: era a época, eram as pessoas volutuosas, e as mais belas obras estão cheias disso. Nós italianos também sofremos com isso. As obras de Boccaccio são lindíssimas, mas estão igualmente sujas. [...] Se eu fosse escorrer, me manteria bem longe de tais imundices: traduzindo, não tenho opção.[4]

As palavras da carta mostram Settembrini escondido atrás de um *topos* muito frequente e, mais ainda, muito necessário. Tão necessário que, décadas depois, em 1937, Benedetto Croce, quando soube que o então jovem Raffaele Cantarella encontrara o manuscrito, recomendou-lhe que não fosse publicado. Entram aí vários fatores: certamente o regime de Mussolini, com a sua notória e fictícia exaltação da virilidade fascista, não permitiria a publicação de um texto tão vigorosamente a favor de um amor homossexual nada platônico — lembremos que os homossexuais, como os comunistas, eram encarcerados e alguns anos depois seriam encaminhados para os campos de concentração; e que, ainda mais, "deturpava" a memória de um dos heróis da independência italiana. Para além disso, Settembrini dividiu a cela por oito anos com outro ativista da independência italiana, Silvio Spaventa, e, assim como o editor do romance em 2010, Vincenzo Palladino, muitos poderiam ter

pensado que Doro e Cálicles eram Silvio e Luigi — sendo que Spaventa era tio de Croce, e o acolheu quando os pais do filósofo morreram num terremoto. É plausível que Croce tenha querido preservar a memória do tio, como pensa também Sandro De Fazi. De fato, não querendo, ou não podendo, assumir a paternidade do texto, Settembrini enviou o manuscrito à mulher, declarando ser uma tradução de um texto do (inexistente) autor grego Aristeu de Megara.

À época, no código penal do Reino das Duas Sicílias, promulgado em 1819, não havia referência à homossexualidade, mas o artigo 345 punia "ogni altro atto turpe o sregolato d'incontinenza che offenda il pudore pubblico" [qualquer outro ato torpe ou de incontinência que ofenda o pudor público], sem distinguir entre héteros e homossexuais.[5] Já em Roma, o *Regolamento Gregoriano*, de 1832, com o artigo 178, punia com a prisão perpétua "i colpevoli di delitto consumato contro natura" [os culpados de delito contra a natureza].[6] Ainda assim, temos relatos de que em Roma, no século anterior, o XVIII, a homossexualidade era tratada com brandura inédita no que diz respeito à inquisição, talvez pela maior facilidade de silenciar do que de impedir, ou pela extensão da prática: mais de pedofilia, porém, do que de relacionamento entre adultos.[7] Goethe, numa carta de 1787, escreve que "em nenhum outro lugar o fenômeno do amor entre homens é tão forte

como aqui [em Roma]",[8] e é conhecida, ainda que silenciada, a relação do arqueólogo e historiador da estética antiga Joachim Winckelmann com rapazes, principalmente italianos, da qual fala novamente Goethe em seu *Winckelmann und sein Jahrjundert* [Winckelmann e seu século], de 1805. Aqui, o autor do *Werther* escreve: "assim, encontramos Winckelmann muitas vezes se relacionando com belos jovens, e nunca ele aparecerá mais alegre e amável do que em tal momento, ainda que muitas vezes apenas passageiro".[9] Talvez não seja coincidência, aliás, que Winckelmann tenha sido, para além de um dos fundadores da história da arte e da moderna arqueologia, um dos maiores conhecedores da arte, principalmente da estatuária grega antiga. Como ele, Settembrini tinha conhecimento e interesse pelo mundo grego e por sua inefável beleza ideal masculina, principalmente a beleza andrógina da adolescência, exemplificada pelos jovens e estatuários Cálicles e Doro. Assim como Winckelmann, que certamente lera, Settembrini desconhecia o fato de que o mármore de estátuas e monumentos gregos antigos fora inicialmente pintado com cores vivazes, para só depois, com o decorrer dos séculos, perder a cor e adquirir a brancura que parece tão característica da antiguidade; e, assim como o ilustre arqueólogo, que descreve as maravilhas das estátuas antigas, derrama-se em descrições deliciadas sobre a pele dos jovens

protagonistas e de outros personagens, branca como mármore: "Quando os dois mancebos repousavam juntos abraçados pareciam dois medimnos de farinha de trigo candial. Eram seus corpos alvíssimos..." (Capítulo i); "Codro expôs a pele branca e limpa" (Capítulo ii); "Ó que maçãs são aquelas, brancas e luzidias como mármore de Paros, e grandes e sempre fresquíssimas!" (Capítulo iii); "Este teu peito é de marfim polido" (Capítulo v); e assim por diante.

Caso a novela tenha se inspirado em fatos reais, em experiências tidas na própria prisão, o que, mesmo sem haver evidências concretas que o comprovem, parece plausível, poderíamos pensar em um caso de homossexualidade situacional (do tipo que se concretiza, teoricamente por falta de opção, em âmbitos como internatos, seminários, casernas, prisões) — o iluminista milanês Pietro Verri, autor das *Osservazioni sulla tortura* [Observações sobre a tortura], em uma carta de 1780, lembrando sua temporada juvenil em internato, relatava a ocorrência costumeira de relações homossexuais. Esta é a leitura de Ettore Paratore, que escreve, com ridícula incapacidade exegética: "Settembrini, quase para não perder o juízo, idealizou [...] a sórdida inclinação de seus repulsivos companheiros de prisão".[10] Paratore supôs que o pobre revolucionário tivesse sido estuprado por seus bestiais companheiros de cela (todos igualmente revolucionários, mas evidentemente mais carnais)?

Lendo *I neoplatonici*, porém, é justamente o caráter não situacional do relacionamento que impressiona, assim como a alegria, a liberdade e a visão solar da sexualidade (tanto hétero como, principalmente, homo) contrastam com a leitura de um mundo brutal e sem esperança que deveria ser o da prisão — a não ser como fuga para um mundo ideal, totalmente oposto ao da cadeia.

Na que poderíamos chamar de nota do (falso) tradutor de *Os neoplatônicos*, aparece uma observação, a meu ver, central: "Nós, homens modernos, temos todos os vícios dos antigos Helenos e talvez até mais e maiores, mas os escondemos não sei se por pudor ou por hipocrisia: eles não escondiam nada, e embelezavam com a arte os vícios também". Seria tão difícil pensar que Settembrini estava se incluindo naqueles "homens modernos"?

No mundo grego, e portanto em sua literatura, a homossexualidade masculina e a feminina recebiam tratamento diferente; da feminina nos testemunham os poemas de Safo, mas ela se tornou proibida nos séculos seguintes: "enquanto dois homens que se amavam […] eram livres de manifestar e viver este sentimento, esta possibilidade nunca, em hipótese alguma, era concedida às mulheres".[11] Já quanto à masculina, muito cedo temos relatos literários de amor entre homens: o mais conhecido, e mais antigo (cerca do século VIII a.C.), é o amor de Aquiles e

Pátroclo nos versos da *Ilíada*. Veja-se o momento em que Aquiles recebe a notícia da morte de Pátroclo:

> Assim disse, e uma negra nuvem de angústia o envolveu:
> com ambas as mãos pegou a poeira queimada,
> a derramou sobre sua cabeça, sujando o esplêndido rosto,
> e sobre a roupa cheirosa caiu a cinza.
> Ele próprio, grande, deitado no meio da poeira
> jazia, e com as mãos desfigurava-se, arrancando os cabelos[12]

Ésquilo, em um fragmento da tragédia perdida *Mirmídones*, escreve que Aquiles, após a morte de Pátroclo, lembra com sofrimento "a união devota das coxas" dele com o amante (frag. 135) e, no *Banquete* de Platão, Fedro diz:

> [...] Aquiles informado pela mãe de que, se tivesse matado Heitor teria morrido logo em seguida e, não matando, teria voltado para casa e vivido até ficar bem velho, escolheu; e, dando socorro ao seu amante Pátroclo, e vingando-o, ousou não morrer por ele, mas depois dele, logo em seguida. E por isso os Deuses, cheios de admiração, o honraram maravilhosamente, porque ele tivera tanta consideração por quem o amava.

Aquiles e Pátroclo são o primeiro casal de amantes da literatura grega, num mundo no qual a relação entre homens era socialmente aceita se obedecesse a certos padrões, principalmente o da pederastia, ou

seja, o amor entre um adulto e um adolescente.[13] O casal de dois homens era aceito caso houvesse uma diferença de idade entre o amante adulto (*erastes*) e o adolescente amado (*eromenos*), com consequentes papéis sexuais definidos e fixados; sucessivamente, o mais novo casaria com uma mulher e poderia, eventualmente, ter seu *eromenos.* Veremos, pois, que justamente isto diferencia o relacionamento de Doro e Cálicles, que, coetâneos, praticam a "reciprocidade" e, mesmo casados, não terminam seu relacionamento.

É de se observar que os diálogos de Luciano contêm várias menções, bastante explícitas, a relações homossexuais masculinas e femininas, o que justifica a maliciosa observação de Croce a Emidio Piermarini sobre *Os neoplatônicos*: "Croce […] com um gesto de indulgência disse apenas: 'Tendo ficado [Settembrini] tanto tempo com o grego Luciano...'".[14]

Foucault nos ensina que, para Platão, as práticas contra a natureza não dizem respeito ao objeto do desejo, mas à intemperança: assim, a apreciação moral no campo da sexualidade avaliaria não "a natureza do ato, com suas variações possíveis, mas a atividade e suas gradações quantitativas".[15] Num dos capítulos mais explícitos de *Os neoplatônicos*, ainda que rico das costumeiras e claríssimas metáforas botânicas, é interessante, então, observar a justificativa filosófica do amor entre rapazes, que aparece na fala de Codro, personagem retratado com um certo humor e cuja

empáfia filosófica é rapidamente subjugada pela carnalidade do relacionamento com Doro e Cálicles:

> O nosso divino mestre Platão, em suas obras, propõe-se a falar desse amor [entre rapazes]… Ora, este amor é perfeito quando acontece entre dois jovens como vós, graciosos de corpo, prontos de intelecto, e nutridos de boas Letras; porque, amando-se, gozam moderadamente do prazer (pois a característica desse amor é exatamente a moderação) e não arruinam e degradam o corpo com as mulheres, cujo desejo é insaciável [illegible]pítulo II)

Ainda que, de fato, a moderação seja ausente do relacionamento entre Doro e Cálicles, que se amam muito e se relacionam com insaciável apetite, que motiva no autor um (invejoso?) comentário: "Ouvindo essas palavras, Doro sem mais abraça as costas do seu Cálicles e o enlaça com toda suavidade, e depois Cálicles da mesma forma abraça e enlaça o belo Doro. O que queres, Leitor? Eles tinham 18 anos! E assim adormeceram" (Capítulo III). Sexo, pois, em várias posições, combinações e companhias relatadas com metáforas botânicas que nada deixam à imaginação; e, apesar do *leitmotiv* do amor entre os dois protagonistas ser dominante, rapidamente surgem situações e elementos em que a tônica é a bissexualidade dos dois jovens, que experimentam, sim, o *ménage à trois* com o filósofo Codro, naquele que hoje chamaríamos um alegre trenzinho entre os

três amantes, mas também a relação a dois e depois a três com a jovem Ínis. Após um parêntese patriótico-bélico, com a participação dos jovens amantes numa guerra para defender Atenas, na qual ambos são feridos, os dois casam com mulheres, seguindo a tradicional ética grega de que, ao relacionamento homossexual, segue-se a formação da família. Mas, numa versão oitocentista de *Brokeback mountain*,[16] de vez em quando, até a velhice, os dois se encontram, e ainda enlaçam as pernas como na juventude.

Uma crítica à novela de Settembrini é inevitável e devida: tão aberto e delicado com relação ao amor entre homens, é digno da Grécia antiga no tratamento dado às mulheres, submissas, em geral sem voz (a figura de Ínis tem muito espaço, mas como ícone da submissão e do sacrifício), sem sentimentos aparentes, meros nomes sem atuação na história. Duplo silenciamento, o do livro: da homossexualidade enquanto não foi publicado, e da voz das mulheres, sempre. Mas isso não é novidade.

Anne Macedo

Referências bibliográficas

BENVENUTO, Beppe. "L'eroe, l'eros e il mondo greco". In SETTEMBRINI, Luigi. *I neoplatonici.* Palermo, Sellerio, 2001, pp. 55-67.

BERND, Zila. *Literatura e identidade nacional.* 2. ed. Porto Alegre, UFRGS, 2003.

CANTARELLA, Eva. *L'amore è un dio*: *Il sesso e la polis*. Milano, Feltrinelli, 2007.

CATTANEO, Massimo. "'Vitio nefando' e Inquisizione romana". In FORMICA, Marina & POSTIGLIOLA, Alberto. *Diversità e minoranze nel Settecento*. Atti del Seminario di Santa Margherita Ligure, 2-4 giugno 2003. Roma, Edizioni di Arte e Letteratura, 2006, pp. 55-78.

CONOSCENTI, Domenico. "Une fable antique et moderne: Les Néoplatoniciens de Luigi Settembrini". Postface à SETTEMBRINI, Luigi. *Idylles Socratiques (Les Néoplatoniciens).* Cassaniouze, ErosOnyx Éditions, 2010, pp. 57-78.

__________. "Per pudore o per ipocrisia. Il Risorgimento e I Neoplatonici di Luigi Settembrini". In DI GESÙ, Matteo (org). *Letteratura Identità Nazione*. Palermo, :duepunti edizioni, 2009, pp. 221-242.

dall'orto, Giovanni. "Luigi Settembrini". In aldrich, Robert; wotherspoon, Garry. *Who's who in Gay and Lesbian History*: From Antiquity to World War II. London, Routledge, 2001, pp. 402-403.

___________. "Codici penali italiani preunitari e omosessualità: bibliografia 1803-1888", disponível em http://www.giovannidallorto.com/saggistoria/tollera/codici.html, último acesso em out/2015.

de fazi, Sandro. "'I Neoplatonici per Aristeo di Megara. Traduzione dal greco' di Luigi Settembrini", disponível em http://sandrodefazi.blogspot.com.br/2011/03/i-neoplatonici-per-aristeo-di-megara.html, último acesso em out/2015.

duncan, Derek. "Luigi Settembrini". In haggerty, George & zimmerman, Bonnie. *Encyclopedia of Lesbian and Gay Histories and Cultures*. New York, Garlando Science, 2003, p. 1210.

___________. *Reading and Writing Italian Homosexuality*: A Case of Possible Difference. Farnham, Ashgate Publishing, 2006, pp. 17-18.

foucault, Michel. *História da sexualidade*: o uso dos prazeres. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. 10. ed. São Paulo, Graal, 2003.

gargiulo, Kasia Burney. "I Neoplatonici. Dalla Napoli borbonica, il romanzo omoerotico di Luigi Settembrini che scandalizzò Benedetto Croce", disponível

em http://www.famedisud.it/i-neoplatonici-dalla--napoli-borbonica-il-romanzo-omoerotico-di-luigi-settembrini-che-scandalizzo-benedetto-croce, último acesso em out/2015.

kuzniar, Alice A. *Outing Goethe & His Age*. Stanford, Stanford University Press, 1996.

lunetta, Mario. "L'eroe del Risorgimento confezionò un bel falso d'autore", disponível em http://www.retididedalus.it/Archivi/2012/novembre/LUOGO_COMUNE/5_settembrini.pdf, último acesso em out/2015.

nigro, Salvatore S. "'Minchionerie' alla Settembrini". In *Il Sole 24 Ore*, 29/04/2001.

Paratore, Ettore. "Risorgimento e libertà sessuale". In Il Tempo, Roma, 20 aprile 1977. (A proposito dei Neoplatonici).

platone. *Dialoghi*. Versione di Francesco Acri; cura di Carlo Carena. Eutifrone, Apologia di Socrate, Critone, Fedone, Assioco, Jone, Menone, Alcibiade, Convito, Parmenide, Timeo, Fedro. Milano, CDE, 1988.

sweet, Dennis M. "The Personal, the Political and the Aesthetic: Johann Joachim Winckelmann's German Enlightenment life". In gerard, Kent & hekma, Gert (orgs). *The Pursuit of Sodomy*: Male Homosexuality in Renaissance and Enlightenment Europe. London, Routledge, 1989, pp. 147-162.

Edições italianas

I Neoplatonici. Ed. Raffaele Cantarella. Introduzione di Giorgio Manganelli. Milano, Rizzoli, 1977.

I Neoplatonici. Ed. Beppe Benvenuto. Palermo, Sellerio, 2001.

"I Neoplatonici". In ZANOTTI, Paolo. *Classici dell'omosessualità*. L'avventurosa storia di un'utopia. Milano, Rizzoli, 2006.

I neoplatonici: l'amore tra uomini è eterno. Ed. Vincenzo Palladino. Napoli, Edizioni Senzaprezzo, 2010.

Edição francesa

SETTEMBRINI, Luigi. *Idylles Socratiques (Les Néoplatoniciens)*. Cassaniouze, ErosOnyx Éditions, 2010.